

# A RELIGAÇÃO DOS SABERES NO RIO DO IMAGINÁRIO E DA IMAGINAÇÃO SIMBÓLICA<sup>1</sup>

## THE RECONNECTION OF KNOWLEDGES ON THE IMAGINARY'S RIVER AND OF SYMBOLIC IMAGINATION

Ana Laudelina Ferreira Gomes – UFRN

*“No plano diacrônico, o imaginário de uma sociedade segue um percurso semelhante ao do curso de um rio”  
Jean-Jacques Wunenburger (2003a, p.42)*

### RESUMO

Nosso objetivo é apresentar alguns fundamentos da proposta de religação dos saberes de Edgar Morin para a reforma do pensamento e relacioná-la a concepções de imaginário e imaginação simbólica presentes na obra do filósofo da imaginação Gaston Bachelard, principalmente aquelas sinalizadas por um de seus principais estudiosos da atualidade, o filósofo Jean-Jacques Wunenburger. Com isso, pretendemos mostrar como algumas ideias desses dois filósofos colaboram com a proposta de Morin.

**Palavras-chave:** Religação dos saberes, Imaginário, Imaginação simbólica, Edgar Morin, Gaston Bachelard, Jean-Jacques Wunenburger.

### ABSTRACT

Our goal is to show some fundamentals of Edgar Morin's proposal reconnection of knowledges for the reform of thought and relate it to imaginary conceptions and symbolic imagination present in the work of the philosopher of imagination Gaston Bachelard, especially those flagged by one of its leading scholars of our time, the philosopher Jean-Jacques Wunenburger. Therewith, we intend to show how some ideas of these two philosophers collaborate with the Morin's proposition.

**Keywords:** Reconnection of knowledges, Imaginary, Symbolic imagination, Edgar Morin, Gaston Bachelard, Jean-Jacques Wunenburger.

<sup>1</sup> Esta comunicação se relaciona a outros trabalhos em que venho discutindo a religação dos saberes através do imaginário artístico e cultural, bem como a necessidade de uma educação por imagens (GOMES, 2013; 2016a; 2016b). Foi apresentada no II Congresso Internacional do Imaginário do Centre de Recherches Internationales sur l'Imaginaire, realizado em Porto Alegre, de 29 a 30 de outubro de 2015.

## INTRODUÇÃO

Para discutir a necessidade de religação dos saberes, Edgar Morin (2005) nos apresenta a problemática na qual está envolvida a questão, cuja explicitação é indispensável para compreender sua proposta. Ele nos fala de uma dupla teoria da cultura em que figuram duas linguagens, dois estados do espírito, a prosaica e a poética, cuja disjunção pelo paradigma cartesiano operou significativos danos para a compreensão do *Antropos* em sua integralidade, sujeito de razão e de imaginação. A proposta de religação dos saberes é justamente uma estratégia para realizar a rejunção dos saberes que foram cindidos e postos em oposição: os saberes da cultura científica (saberes científicos) e os saberes da cultura humanística (filosofia, artes, literatura, história, mito etc).

A obra de Gaston Bachelard estaria mostrando a complexidade desse homem cindido em duas esferas de representação opostas, o conceito e a imagem. O interesse de Bachelard não seria puramente estético, mas buscaria ensinar o dinamismo das imagens por melhor viver, confiando que a imaginação é portadora de uma energia moral, de um querer viver que permite o devir verdadeiramente humano (WUNENBURGER, 2012). Daí, o imaginário e a imaginação surgem como instâncias específicas da constituição. Por isso, devemos buscar compreender o imaginário em sua dimensão simbólica, através da imaginação simbólica que permite com que múltiplos significados ressoem sem reduzir nenhum deles (WUNENBURGER, 2007; WUNENBURGER; ARAÚJO, 2006).

Assim, as imagens capazes de nos suscitar o estado poético não podem ser reduzidas à mera ilustração de conceitos e teorias visto que, para Gaston Bachelard, as imagens não devem ser tomadas numa perspectiva mimética/reprodutora, pois são criadoras de novas realidades, são instauradoras de inventividades (BACHELARD, 1988; 1990; 1996). Para Wunenburger, o devaneio poético bachelardiano opera a imaginação simbólica, sendo a imagem simbólica dotada de uma informação imanente, que não se reduz ao empírico, os conteúdos evocados desdobram-se em sentido figurado. Ela é pensada como signo denotativo, pois ativa a consciência de associações e de significações novas, ultrapassando o sentido literal próprio dos referentes empíricos (WUNENBURGER, 2002).

Retomando a proposta de religação dos saberes, Morin propõe fazer comunicar dialogicamente as imagens e as ideias através das expressões do imaginário artístico e literário por meio do romance, da dramaturgia, do cinema, da poesia etc. Numa linha de raciocínio parecida, para Wunenburger (2003), ao invés de exaltar os poderes da razão ilustrados nas produções científicas – marginalizando a imaginação e colocando o imaginário num papel negativo de obstáculo –, é preciso parar de antagonizar o imaginário e a racionalidade, pois são esferas psíquicas não antagônicas, ao contrário do que nos fez crer a concepção de racionalidade da ciência clássica. Por isso, o filósofo acredita que é preciso que atualizemos nossa concepção de racionalidade incorporando uma “racionalidade aberta e complexa, cujos processos se assemelham de forma paradoxal às leis e às obras do imaginário

religioso ou poético” (WUNENBURGER, 2003, p. 265). E, continua o filósofo, na esteira de Gilbert Durand, não faz sentido continuar opondo lógica científica e lógica simbólica, pois a proximidade entre elas se daria enquanto uma “lógica geral do espírito” (WUNENBURGER, 2003, p. 281), tal como podemos conceber em Gaston Bachelard: uma teoria da criatividade geral do espírito (WUNENBURGER, 2005).

Em face dessas ideias, vemos que Gaston Bachelard e Jean-Jacques Wunenburger nos ajudam a fundamentar a proposta de religação dos saberes de Edgar Morin. É o que intencionamos demonstrar neste artigo.

## O PROBLEMA DA DISJUNÇÃO DAS DUAS CULTURAS E DO ANTROPOS

Na proposição da necessidade da religação de saberes para a reforma do pensamento e da educação com vistas a um pensamento complexo, Edgar Morin (2005) nos fala de duas linguagens da cultura, dois estados do espírito, dois modos de habitar a Terra: um prosaico, outro poético. No modo prosaico, agimos de forma predominantemente “racional, empírica, prática, técnica” o que “tende a precisar, denotar, definir”. Esse modo “apoia-se sobre a lógica e ensaia objetivar o que ela mesma expressa” (MORIN, 2005, p. 35). No estado poético, agimos de forma “simbólica, mítica, mágica”. Esta forma “utiliza mais a conotação, a analogia, a

metáfora [...] e ensaia traduzir a verdade da subjetividade” (MORIN, 2005, p. 35).

Apesar de nossa condição humana dupla – ao mesmo tempo prosaica e poética, mítica-simbólica e lógico-racional –, ao longo da vida aprendemos que somos somente racionais. Entretanto, somos *homo complexus* – e um dos entrelaçamentos do complexo é nossa sapiência (*Homo sapiens*) e nossa demência (*Homo demens*) (CARVALHO, s/d<sup>2</sup>). Ambas correspondem, respectivamente, aos estados prosaico e poético do *Antropos*.

O processo de racionalização da sociedade técnico-científica contemporânea estaria centrado na separação/disjunção entre esses dois estados, tendo como consequência a dissociação completa entre cultura científica e cultura humanística. O estado poético é relegado ao segundo plano, e o poético restrito a uma mera expressão literária. A rejunção ou religação das duas culturas e dos dois estados seria um dos grandes desafios da contemporaneidade, para realizar uma reforma do pensamento capaz de nos fazer reaprender a pensar religando o que foi separado pelo paradigma cartesiano. Entre outros aspectos, essa reforma se faz pelo rompimento decorrente da separação entre os saberes humanísticos (artes, filosofia, literatura etc.) e os científicos, o que nos tornaria verdadeiramente bio-antropo-sociais, já que “o homem é uma emergência da história da vida terrestre” e que, por isso, não pode ser concebido de forma disjunta, nem pensado de modo redutor, afinal “sem animalidade não há humanidade” (MORIN, 2005, p. 40). É preciso que aceitemos nossa dupla condição de natural e supranatural, entendendo que nessa

<sup>2</sup> Estas citações foram retiradas das falas contidas em vídeo-documentário, por isso a ausência do número da página.

imbricação mútua o homem “distingue-se pela cultura, pensamento e consciência” (MORIN, 2005, p. 40).

A proposta de religação dos saberes de Edgar Morin se dá por **dialogia**, que é um dos três operadores cognitivos (aquilo que põe em movimento) do pensamento complexo<sup>3</sup>. Diz respeito ao processo de juntar coisas, entrelaçar coisas, aparentemente separadas (CARVALHO, s/d; MORIN, 2009). Neste trabalho, estamos interessados especialmente na dialogia entre ciência e imaginário, entre ideias e imagens.

Morin nos lembra que “as ideias não são apenas meios de comunicação com o real, elas podem tornar-se meios de ocultação. [...] os homens não matam apenas à sombra de suas paixões, mas também à luz de suas racionalizações” (2005, p. 54). É preciso dialogizar as imagens e as ideias através das expressões do imaginário artístico e literário, pelo romance, pela dramaturgia, pelo cinema, pela poesia etc., pois,

É no romance, no teatro, no filme, que percebemos que *Homo sapiens* é indissolúvelmente, *Homo demens*. É no romance, no filme, no poema, que a existência revela sua miséria e sua grandeza trágica, como risco do fracasso, de erro, de loucura. É na morte de nossos heróis que temos nossas próprias experiências de morte. É, pois, na literatura que o ensino sobre a condição humana pode adquirir forma vívida e ativa, para esclarecer cada um sobre sua própria vida (MORIN, 2005, p. 49).

O problema é que, como diz Jean-Jacques Wunenburger (2003), a história

da ciência moderna tende a exaltar os poderes da razão vendo-os ilustrados nas produções científicas, marginalizando a imaginação e colocando o imaginário num papel negativo de obstáculo, o que acabou por antagonizar imaginário e racionalidade. Mas o filósofo questiona: será que estas duas esferas psíquicas são de fato antagônicas?

Wunenburger nos assegura que “a inteligibilidade do mundo não é sem dúvida alguma redutível a uma pura actividade de conceptualização abstrata [...] e as representações científicas] não rompem fundamentalmente com as estruturas intelectuais profundas, cujas imagens são as primeiras manifestações” (2003, p. 265). E, ao contrário do que nos fez crer a concepção de racionalidade da ciência clássica, hoje sabemos que a “prática cognitiva das ciências não pode prescindir nem de imagens, nem de imaginação [...] pois] as imagens intervêm a cada etapa do itinerário científico, demonstram fatos, jogos de hipóteses, modelações e interpretações, e finalmente difusão dos resultados da pesquisa” (WUNENBURGER, 2003, p. 266). Isso leva a uma mudança de compreensão sobre a relação entre imaginário e ciência:

A imagem serve para criar um espaço de percepção e, portanto, para tornar, no sentido estrito, um objeto visível, mas igualmente para melhorar as prestações do olhar. O homem de ciência só vê se as coisas estiverem dispostas de forma a serem vistas. A visibilidade do mundo, para a ciência, está então ligada a um artifício, que pode consistir num dispositivo de visualização e na inscrição do que é visto sob a forma de imagem analógica (desenho, esquema, fotografia etc.) (WUNENBURGER, 2003, p. 267).

<sup>3</sup> Os outros dois operadores cognitivos da complexidade são: a **recursividade**, em que a causa produz o efeito que produz a causa, e o **holograma**, em que não se dissocia o todo da parte e vice-versa.

As ciências progrediram muitas vezes através da invenção de diferentes dispositivos de representação visual, esboços, esquemas, grafos, tabelas matriciais, diagramas, onde o espaço visível vem estruturar o saber e preparar hipóteses e conclusões (WUNENBURGER, 2003, p. 268).

Por um lado, tanto para a invenção de hipóteses quanto para a modelização dos dados, o processo científico se vale de uma imaginação racional que utiliza metáforas e paradigmas. Por isso, é preciso que atualizemos nossa concepção de racionalidade advinda da ciência clássica (moderna) incorporando uma “racionalidade aberta e complexa, cujos processos se assemelham de forma paradoxal às leis e às obras do imaginário religioso ou poético”, diz Wunenburger (2003, p. 265).

Desse modo, não faz sentido continuar opondo lógica científica e lógica simbólica, assevera o filósofo, lembrando que, para Gilbert Durand, a proximidade entre elas se daria enquanto uma “lógica geral do espírito”. Para além da utilização das metáforas, as ciências contemporâneas se abriram a uma reorganização da racionalidade científica incluindo modos de pensamento e lógicas antes considerados não científicas. Nessa nova configuração, imaginário e racionalidade não seriam mais antinômicos (WUNENBURGER, 2003).

## IMAGINÁRIO, IMAGINAÇÃO SIMBÓLICA E RACIONALIDADE CIENTÍFICA

Alguns movimentos artísticos e filosóficos foram fundamentais para a ressurgência histórica das imagens na modernidade, diz Gilbert Durand (1995)<sup>4</sup>. Retomando a distinção de Coleridge entre imaginação ativa e imaginação passiva, alguns estudiosos trouxeram contribuições decisivas, mostrando o papel central e constitutivo da imaginação ativa para o pensamento e a individualidade humana, como Ernst Cassirer, C. G. Jung e Gaston Bachelard: “[...] com Jung e Bachelard, o estatuto do imaginário se estabelece firmemente na reflexão contemporânea: a imaginação retoma um lugar central” (DURAND, 1995, p. 38).

Na avaliação de Wunenburger (2003, p. 279), o filósofo Gaston Bachelard é um dos pioneiros de um racionalismo aberto que “ao tomar nota das mudanças da nova ciência, entrelaça racionalidade e imaginário”, principalmente em sua epistemologia a partir da obra *A filosofia do não*, de 1940, a qual entende não pode ser reduzida ao dualismo da primeira fase bachelardiana. Para o autor, seria Gilbert Durand quem nos faria entender melhor a complementaridade entre razão e imaginação no processo de conhecimento, em que a razão não poderia mais ser pensada de modo autônomo, como possuindo leis próprias, “mas antes seria um modo de representação, que traduz abstratamente aquilo que a imaginação conjuga de acordo com representações afetivo-simbólicas” (WUNENBURGER, 2003, p. 279).

Assim, mais do que ferramentas para “traduzir” conceitos e teorias, as imagens são instrumentos de sensibilização estética do mundo e de seus criadores/leitores, sendo capazes de promover mudanças e reorganizações de comportamentos

<sup>4</sup> Entre estes movimentos, encontrar-se-iam o romantismo, o pré-romantismo, o pensamento iluminista, o surrealismo e as hermenêuticas contemporâneas (DURAND, 1995).



individuais e coletivos (WUNENBURGER, 2003). Com elas, os sujeitos são capazes de se reinventarem.

Para Wunenburger (2002), a imagem seria a primeira forma de trazer-nos, através da percepção, ao mundo sensível, concreto, sendo que Bachelard e Kant mostrariam a importância da imaginação no coração da percepção. A imagem diria respeito ao reconstituir do real no plano fenomenal – tal qual ela se apresenta a nós –, de formarmos uma representação do real. Mesmo que informada por imagens *a priori*, a imagem perceptiva visa o real, o que obriga adaptar o estado subjetivo ao estado objetivo. O devaneio poético de que nos fala Gaston Bachelard não seria redutível a um jogo de imagens como signos do real: ele daria às imagens uma capacidade de ampliação de significações, tanto em sua face visual como verbal, nele operando o que Kant chamaria por imaginação simbolizante (WUNENBURGER, 2002).

Por sua vez, continua Wunenburger (2002), a imagem simbólica seria dotada de uma informação imanente – ao domínio da experiência possível, ao concreto – que não se reduz ao empírico, pois os conteúdos que evoca desdobram-se no interior da imagem e vem encarnar/figurar/sensibilizar uma idealidade. Assim, a imagem seria um signo denotativo ativando a consciência de associações e de significações novas, ultrapassando o sentido literal dos referentes empíricos. A imagem simbólica teria um sentido profundo, não podendo ser reduzida aos conteúdos da percepção. Ela produz conteúdos visuais e ideais, embriões de sentidos, sendo a simbolização uma atividade criadora do

sujeito imaginante que vai além do percebido, desenvolvendo um sentido figurado. Logo, o que é simbolizado teria sempre uma riqueza de excesso permitindo inúmeras explorações.

Tal como encontramos na obra de Edgar Morin, Wunenburger, no livro *La vie des images* (2002), diz buscar um ponto de ancoragem comum ao homem imaginante, a unidade das produções do imaginário através de suas variações diferenciadas. Para ele, o homem imaginante aparece no cinema, na literatura, na pintura, na escultura, no teatro, na dança, no canto, no mito, na religião e também na ciência. Em todos estes processos, estaria presente a imaginação do *Antropos*. No entanto, a filosofia contemporânea herdou uma tradição do século XVII (de Descartes, Pascal e outros) que encararia a imaginação como atividade de produção de ficções que só é legitimada no campo da arte. Mas, assevera Wunenburger (2007), as obras da imaginação produzem representações simbólicas em que o sentido figurado original ativa pensamentos abertos e complexos, sendo que somente a racionalização posterior é que restitui um sentido unívoco.

A imaginação seria tanto reprodutiva, por reutilizar materiais da experiência perceptiva, quanto seria responsável por irrigar os processos cognitivos abstratos através de esquemas figurativos aos quais a racionalidade recorre para ordenar a intelecção do real. Nas ciências, por exemplo, as imagens mostrariam sua fecundidade heurística intervindo em invenções, modelizações e práticas didáticas (WUNENBURGER, 2007).

Ao mesmo tempo, a imaginação participaria da lógica pragmática e ética dos agentes.

Começamos a perceber melhor como é que um indivíduo elabora sua identidade pessoal, ao longo da vida, através de uma conduta narrativa, fonte de sentido (Ricoeur). Da mesma forma, suas escolhas e compromissos éticos não se limitam à esfera das obrigações racionais, recorrendo, pois a imagens do bem e do mal e a fins últimos a atingir (felicidade, beatitude etc.). Quanto às relações entre indivíduo e a sociedade, estas são largamente tecidas em representações religiosas e em sonhos coletivos (WUNENBURGER, 2003, p. 36)

Em meio a essas reflexões do nosso texto, intentamos focar a religação dos saberes entre imaginários – o científico e o artístico – que se dá pela recorrência à imagem simbólica, uma vez que, segundo Wunenburger (2007), o imaginário está sujeito a variações de *status* de imagens. Estas podem oscilar entre dois extremos: ou a confusão idolátrica ou o iconoclasma. No primeiro, a distância entre imagem e modelo desaparece; no segundo, essa distância é excessiva a ponto da imagem perder sua credibilidade (WUNENBURGER, 2007). Qual seria então o caminho intermediário não incorremos em nenhum dos dois extremos? Wunenburger responde:

Toda imagem objetivada, mostrada, publicada, exposta deve conter indícios de sua filiação, manter um afastamento e subsistir como imagem. Ela deve levar a que acreditemos em sua aparência, fazer com que nos liguemos a ela, mas sem nunca fascinar nem iludir demasiado para que possamos desprendermo-nos dela e tomar

consciência da realidade do jogo (WUNENBURGER, 2006, p.19-20).

E onde entra a imagem simbólica? Tanto na confusão idolátrica como no iconoclasma o imaginário pode subsumir a superstições e dogmatismos e, para evitar que isso aconteça, o imaginário deve favorecer uma aproximação simbólica, um tratamento figurativo. E é a imaginação simbólica que possibilita transpor conteúdos materiais ou psíquicos do imaginário a múltiplos significados através de analogias. Tomar o imaginário ao pé da letra negaria a imaginação enquanto essa faculdade possibilitadora de múltiplas correspondências (WUNENBURGER, 2007).

Por isso, é preciso buscar compreender o imaginário em sua dimensão simbólica, permitindo que múltiplos significados ressoem. Mas, acontecem os desvios, tanto numa insuficiência de simbolismo (hipotrofia) como num excesso (hipertrofia). No caso de hipotrofia, há uma desimbolização dos materiais imaginativos, fazendo-os perder o sentido de analogia (a exemplo, teríamos as formas de reificação, que desmoronam a função figurativa). No caso de hipertrofia, aconteceria uma sobreinterpretação das imagens, dos símbolos e dos mitos, que, no limite, poderiam levar à vertigem de correspondências delirantes (WUNENBURGER, 2007).

Wunenburger diz que o imaginário e a racionalidade têm sido trabalhados separadamente e até antagonizados por muito tempo na filosofia, mesmo nas interpretações do pensamento de Gaston Bachelard, filósofo que, para ele, na verdade os trabalharia na unidade de opostos ou harmonia das divergências. Nesse sentido, para além de uma interpretação literal da

obra, seria preciso buscar uma unidade profunda e complexa que atravessa as duas vias do pensamento bachelardiano, a epistemológica e a poética. Pensá-lo enquanto uma filosofia “de dinamismos intelectuais que produzem mudanças, metabolismos, metamorfoses e representações, que estão submetidas a rupturas e a revoluções perpétuas, e votam o espírito à aventura do novo” e que se expressaria como uma “teoria geral da criatividade do espírito” (WUNENBURGER, 2005, p. 39). Nela, Gaston Bachelard mostraria uma “gênese única da dinâmica de representações, quer sejam abstratas ou imagéticas [...] caracterizando a vida do pensamento [...] cujo traço positivo é a capacidade de por-se em movimento permanente, a fim de produzir novidades intelectuais” (WUNENBURGER, 2005, p. 46). Sobre isso, explica Wunenburger (2012, p. 210): “Lá onde a atividade científica constrói um conceito do real pela redução de imagens, a atividade poética se engaja, ao contrário, numa ativação de imagens, numa intensificação de seu potencial de irrealidade ou mais exatamente de surrealidade”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o que já dissemos antes com Wunenburger (que a imaginação e o imaginário são instâncias específicas da constituição do *Antropos*), vemos

que a religação entre ciências/cultura científica e imaginário/cultura humanística nos possibilitaria melhor pensar a condição humana. Morin nos atenta para o fato de que “o estudo da condição humana não depende apenas do ponto de vista das ciências humanas [...] nem da reflexão filosófica e das descrições literárias. Depende também das ciências naturais renovadas e reunidas. [...] Elas nos permitem inserir e situar a condição humana no cosmo, na Terra, na vida” (2005, p. 25). Sua crítica é no sentido de que as ciências do homem em sua fragmentação – das ciências da natureza, das artes, da literatura, da filosofia – tornaram o homem tão somente sociocultural, ignorando o mundo físico, químico, o mundo vivo que trazemos dentro de nós e que dele fomos separados por nosso pensamento, por nossa consciência, por nossa cultura. Situação para a qual o trabalho de religação de saberes é indispensável. Estando ao mesmo tempo “dentro e fora da natureza”, apesar de filhos do cosmo, nos tornamos estranhos a ele, o que nos leva à necessidade de uma nova cultura científica, que integre natureza e cultura. Sobre isso, diz Morin:

A relação do homem com a natureza não pode ser concebida de forma reducionista, nem de forma disjuntiva. A humanidade é uma entidade planetária e biosférica. O ser humano, ao mesmo tempo natural e supranatural, deve ser pesquisado na natureza viva e física, mas emerge e se distingue dela pela cultura, pensamento e consciência (MORIN, 2005, p. 40).

A religação da cultura científica e da cultura humanística através das artes e



da literatura trata de mostrar que nessas produções “há um pensamento profundo sobre a condição humana” (MORIN, 2005, p. 45). Nesse sentido, a cultura das humanidades é uma preparação para a vida, uma escola de vida: escola de compreensão humana, escola de emoção estética, escola de descoberta de si. Gaston Bachelard e Jean-Jacques Wunenburger são filósofos que nos ajudam a entender como, através do imaginário e da imaginação simbólica, essa religação dos saberes pode, de fato, gerar um pensamento não mutilante, capaz de compreender o homem em sua complexidade, natural e cultural.

## REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

BACHELARD, Gaston. **Fragmentos de uma poética do fogo**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

CARVALHO, Edgard de Assis. **Pensamento complexo e reforma da educação**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, [s/d] (Vídeo-documentário).

DURAND, Gilbert. **A fé do sapateiro**. Brasília: Editora Universitária de Brasília, 1995.

GOMES, Ana Laudelina Ferreira. A educação do homem das 24 horas. In: GOMES, Ana Laudelina Ferreira; BRITO, Sílvia Barbalho (Orgs.). **Festins de Seda**: O Festival Mythos-Logos do Imaginário e outras inventices de inspiração bachelardiana. Natal: EDUFRN, 2016a, p. 263-271.

GOMES, Ana Laudelina Ferreira. Educação por imagens. In: GOMES, Ana Laudelina Ferreira (Org.). **A flor e a letra**. Poéticas e lições de imagens. Natal: EDUFRN, 2013, p. 191-202.

GOMES, Ana Laudelina Ferreira. Por que buscar articulações científico-humanísticas? In: GOMES, Ana Laudelina Ferreira; BRITO, Sílvia Barbalho (Orgs.). **Festins de Seda**: O Festival Mythos-Logos do Imaginário e outras inventices de inspiração bachelardiana. Natal: EDUFRN, 2016b, p. 49-62.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita**. Repensar a reforma, reformar o pensamento. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

MORIN, Edgar. **Educação e complexidade**. Os sete saberes e outros ensaios. 5. ed. Organização Maria da Conceição de Almeida e Edgard de Assis Carvalho. São Paulo: Cortez, 2009.

WUNENBURGER, Jean-Jacques. Education aux images. In: WUNENBURGER, Jean-Jacques. **Gaston Bachelard, poetique des images**. Paris: Mimesis, 2012, p. 207-217 (Collection L'oiel et l'esprit, n. 11).

WUNENBURGER, Jean-Jacques. Introdução ao Imaginário. In: ARAÚJO, Alberto Filipe; BAPTISTA, Fernando Paulo (Coords.). **Variações sobre o imaginário**. Domínios, teorizações, práticas hermenêuticas. Lisboa: Instituto Piaget, 2003, p. 23-44 (Coleção Pensamento e Filosofia).

WUNENBURGER, Jean-Jacques. Imaginário e Ciências. In: ARAÚJO, Alberto Filipe; BAPTISTA, Fernando Paulo (Coords.). **Variações sobre o imaginário**. Domínios, teorizações, práticas hermenêuticas. Lisboa: Instituto Piaget, 2003, p. 265-285 (Coleção Pensamento e Filosofia).

WUNENBURGER, Jean-Jacques. Imaginário e racionalidade: uma teoria da criatividade geral. In: BULCÃO, Marly (Org.). **Bachelard**. Razão e imaginação. Feira de Santana: UEFS/NEF, 2005, p. 39-53.

WUNENBURGER, Jean-Jacques. **La vie des images**. Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble, 2002.

WUNENBURGER, Jean-Jacques. **O imaginário**. São Paulo: Loyola, 2007.

WUNENBURGER, Jean-Jacques; ARAÚJO, Alberto Filipe. **Educação e imaginário**. Introdução a uma filosofia do imaginário educacional. São Paulo: Cortez, 2006.